

Eixo Temático: Educação Histórica.

O ENSINO DE HISTÓRIA E O DESENVOLVIMENTO DA META-COGNIÇÃO NA ESCOLA PÚBLICA

João Vitor dal Maso¹

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
dalmasojoao@gmail.com

Raony Valdenésio Aduci Odremán Mendes²

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
raonymendesodreman@gmail.com

Resumo: O presente trabalho constitui esforço de atrelar a investigação do pensamento histórico desenvolvido pelos alunos da Educação Básica ao referencial teórico metodológico do grupo internacional de pesquisa em Educação Histórica, que toma como norte à bibliografia Alemã sobre didática da História, ou seja, conjugar teoria à prática e a partir deste prisma enfrentar os novos desafios impostos à formação docente. Tal concepção nos permite entender que a formação da metacognição histórica e da consciência histórica não se formula somente no âmbito espacial escolar ou mesmo dentro da própria ciência histórica, mas também no diálogo interdisciplinar e na vida em sociedade. Desta maneira é possível conjecturar que os diferentes sujeitos estão inseridos em uma miscelânea cultural que é elaborada e reelaborada a cada momento em diversos contextos. As discussões propostas neste texto trazem resultados preliminares de um projeto ainda em andamento. O projeto *Pensamento histórico de jovens e crianças na Educação Básica II*, é desenvolvido com bolsas PIBID/CAPES/UDESC, sob a orientação das professoras Cristiani Bereta da Silva e Luciana Rossato, e supervisão da Professora Valéria Florentino na Escola Básica Estadual Padre Anchieta. Constitui objetivo deste texto contribuir para o desenvolvimento de práticas novas de ensino de história a partir da utilização e problematização de novas fontes para o ensino de história e demonstrar que a aprendizagem da ciência histórica tem que partir invariavelmente da didática da história.

Palavras-chave: Educação Histórica - Didática da História – metacognição – Consciência Histórica – Fontes Históricas.

O Programa Institucional de Bolsas para Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) na UDESC iniciou suas atividades no mês de Julho de 2011, com a escolha de bolsistas e organização logística do projeto. É importante frisar que o trabalho efetivo na escola iniciou há pouco tempo, apenas em agosto de 2011 e que ainda está em andamento. Nesse sentido,

¹ Graduando da 4ª fase em História no Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina – FAED/UDESC, integrante do Programa de Bolsa em Iniciação à Docência – PIBID/CAPES sob a orientação das professoras doutoras Cristiani Bereta da Silva e Luciana Rossato.

² Graduando da 6ª fase em História no Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina – FAED/UDESC, integrante do Programa de Bolsa em Iniciação à Docência – PIBID/CAPES sob a orientação das professoras doutoras Cristiani Bereta da Silva e Luciana Rossato.

apenas estamos trazendo alguns resultados preliminares, não sujeitos a generalização. O esforço aqui empreendido é o de identificar as ideias históricas das crianças e adolescentes a fim de potencializar a história como ferramenta para eles e para nós como professores.

Segundo Bergmann (1989/1990, p. 30), o ensino de história tem por finalidade preocupar-se com a formação da consciência histórica num dado processo sócio-histórico, ou seja, a história dos seres em sociedade e suas maneiras de refletir sobre história são determinadas no espaço/tempo em que esses seres vivem e se identificam como participantes do processo. Dessa maneira, nosso desafio era fazer com que os alunos percebessem que podem ser agentes da história, direta ou indiretamente, bem como demonstrar que o conhecimento e a construção da mesma também parte deles. Para isto nos baseamos nas reflexões sobre Educação Histórica e a metodologia de aulas oficinas (Barca, 2004) que possibilita que o aluno construa o saber junto com o professor, ou nas palavras de Freire (2003, p.135), desenvolver a pedagogia da autonomia. Assim, procurou-se disponibilizar textos, organizar debates, auxiliar na interpretação dos assuntos expostos em sala de aula para que os alunos pudessem dar um salto qualitativo na aprendizagem do saber histórico, e ao final analisar se houve progressão da metacognição em história.

Com base nas discussões realizadas em sala de aula, notamos no discurso dos alunos uma mudança na concepção de como a História é tratada pela sociedade, questionando, por exemplo, a questão da conservação de prédios históricos da Ilha de Santa Catarina, comparando-os a conservação de jornais históricos, ao mesmo tempo em que questionavam de quem seria a responsabilidade de conservar estes objetos, tanto jornais quanto prédios, e quais seriam a utilidade desses para a sociedade. Também notamos essa mudança a partir da análise da primeira investigação em comparação com a avaliação final. Uma das mudanças que pôde ser mais facilmente percebida foi o maior interesse dos alunos em responder as questões propostas. Enquanto que na aplicação da atividade investigativa 50% dos alunos apresentaram respostas curtas e aparentemente sem interesse em responder ao exercício, na avaliação final da Oficina, nenhum aluno demonstrou desinteresse ao responder as questões propostas.

EEB Padre Anchieta: História e Proposta

A escola EEB Padre Anchieta, localizada no bairro Agrônômica, área central de Florianópolis, começou suas atividades em 1929, quando o Arcebispo D. Joaquim Domingues de Oliveira, comprou uma casa na localidade de Pedra Grande e fundou a Escola São Luiz.

Em 1934 a escola passou à categoria de Grupo Escolar, com a denominação de Grupo Escolar Arquidiocesano Padre Anchieta. Neste mesmo ano, já sob a responsabilidade do Governo do Estado de Santa Catarina, foi designada para a direção a Professora Isaura Veiga de Faria. O prédio onde funcionava a escola e o mobiliário pertencia a Mitra Metropolitana.

Segundo o Projeto Político Pedagógico da E.E.B. Padre Anchieta de 2006, em maio de 1936 houve a inauguração do novo prédio escolar. Em 1º de agosto de 1940, ocorreu um incêndio que destruiu totalmente o estabelecimento escolar, havendo, em 31 de março de 1941, a inauguração de um novo prédio. Em 1º de agosto de 1970 a escola passou a funcionar em prédio próprio, ao lado do Educandário XXV de Novembro, construído pelo governador Ivo Silveira, com o nome de Grupo Escolar Arquidiocesano Padre Anchieta, em área cedida pelo Educandário³.

A escola EEB Padre Anchieta faz parte das treze escolas que compõem o Fórum do Maciço Central do Morro da Cruz desde 2002, cujo lema é: “Reescrever o mundo com o lápis e não com as armas”⁴, sendo uma comissão educacional comprometida com a inclusão de crianças e jovens em situação de risco social e pela luta permanente na qualidade do trabalho docente nas escolas que atendem a comunidade do maciço do Morro da Cruz, na área central de Florianópolis. Por fazer parte do Fórum do Maciço a presente escola aloca reuniões de líderes comunitários e lutou na última eleição para que diretor da escola fosse eleito e ao indicado pelo governo estadual. Nota-se nesta medida a necessidade que a população possuía de que a presente direção estivesse diretamente ligada a realidade na qual à escola está inserida.

Com exceção de poucas crianças e adolescentes, os alunos moram no bairro Agrônômica, nas comunidades de Vila Aparecida, Morro do 25, Morro do Horácio, Vila Sta. Rosa. A escola atende aproximadamente 1.040 crianças e adolescentes, entre 6 e 18 anos, distribuídos no Ensino Fundamental: Anos iniciais e finais e Séries iniciais e finais (estas em extinção) e Ensino Médio, nos turnos matutino, vespertino e noturno.

Atualmente o ambiente físico da escola possui um amplo auditório, ginásio de esportes, sala de vídeo, laboratório de informática, biblioteca, laboratório de ciências, sala de professores, secretaria, uma cozinha, despensa para merenda escolar, refeitório, cantina, cabine para rádio escola, sala para os especialistas em assuntos educacionais, sala da

³ Informação extraída de: (RE) SIGNIFICANDO A ALFABETIZAÇÃO NAS SÉRIES INICIAIS, disponível em: <http://www.pergamum.udesc.br/dados-bu/000000/000000000007/0000072D.pdf>. Acesso em: 14/02/2012.

⁴ Disponível em: <http://comissaodeeducacao.blogspot.com.br/>. Acesso em: 15/03/2012.

administração escolar e sala da direção, banheiros para os alunos (parte interna e externa da escola) e para professores, distribuído em um terreno de aproximadamente 50.000m² em área próxima a Beira-mar Norte.

Turma 301: Dados Gerais

A inserção em sala de aula se deu na turma 301 do 3º ano do Ensino Médio do turno matutino. Por intermédio de questionário aplicado em sala no segundo semestre de 2011 buscou-se delimitar a estrutura sociocultural e econômica a que esses alunos pertencem. Neste questionário priorizamos informações gerais dos alunos: idade, sexo, local de nascimento, meio utilizado para se chegar à escola, composição familiar, local de residência e o grau de formação intelectual dos pais. Os dados a seguir apresentados foram recenseados com base na resposta dos alunos ao questionário que foi confeccionado em reunião do projeto PIBID, com a participação de todos os bolsistas e com o auxílio direto das professoras coordenadoras do projeto PIBID em História.

O grupo de alunos era composto por doze integrantes⁵ na faixa etária de 16 anos (8,33%), 17 anos (58,33%) e 18 anos (33,33%), sendo que, desses doze alunos(a), oito eram do sexo feminino (66,66%) e quatro eram do sexo masculino (33,33%). Grande parte dos alunos (as), sete ao todo (58,33%) nasceu na cidade de Florianópolis - SC, um aluno(a) nasceu na cidade de São José - SC (8,33%), um aluno(a) nasceu na cidade de Chapecó - SC (8,33%), um aluno(a) nasceu na cidade de Mondaí – SC, um aluno(a) nasceu na cidade de Nonoáí – RS (8,33%), um aluno(a) nasceu na cidade de Buenos Aires – ARG (8,33%). Do grupo de alunos(as) cinco moram com pai, mãe e irmãos (41,67%), quatro alunos(a) moram com a mãe e irmãos (33,33%), dois alunos(a) moram com pai, mãe, avós e sobrinhas (16,67%) e um aluno(a) mora com o irmão (8,33%). A maneira mais comum de deslocamento para a escola é a pé, sendo que dez alunos(as) utilizam esse meio de transporte (83,33%) enquanto somente dois alunos(a) vão à aula de ônibus (16,66%). A explicação para esse fator é que a maior parte dos alunos(a) reside nas adjacências da escola, sendo que onze alunos(as) moram no bairro Agrônômica (91,66%) e um aluno(a) mora no bairro Trindade (8,33%). Na questão que concerne ao nível intelectual da família do grupo de estudantes, cinco pais possuem ensino médio completo (55,56%), quatro pais possuem ensino fundamental incompleto (44, 44%), cinco mães com ensino fundamental incompleto (45,45%), quatro mães com ensino médio completo (36,36%) e duas mães com ensino fundamental completo

⁵ Ver Anexo 3: Tabulação do Questionário socioeconômico.

(18,18%). A questão do trabalho no contra turno da escola também estava presente nesta turma: cinco alunos(a) trabalham (41,67%) e sete não exerciam atividade remunerada no horário após a aula (58,33%), sendo que entre aqueles alunos(a) que trabalhavam todos o faziam em média seis a oito horas diárias. Como foi exposto acima, a classe era homogênea no que diz respeito ao “nível” social, filhos de trabalhadores, frequentadores da rede pública de ensino desde crianças, sem muito incentivo para dar continuidade aos estudos no nível superior. Dos 12 alunos que fizeram parte da turma 301 no ano de 2011 apenas 3 (25%) alunos(as) pretendiam prestar o vestibular, e com base em uma conversa posterior com um dos alunos no centro de Florianópolis descobrimos que apenas uma (8%) aluna prestou o vestibular, e infelizmente não foi aprovada.

As atividades desenvolvidas na escola, todas as segundas e quartas-feiras do segundo semestre de 2011, das 09h30min às 11h00min na turma 301, eram a de auxiliar a professora titular de História da escola Valéria Florentino na sala de aula, participando e contribuindo para o enriquecimento dos assuntos expostos. Quando possível nós pedíamos licença à professora para trazermos outros materiais organizados em forma de aula expositiva para explicar o mesmo assunto, complementando a explicação da professora e assim fixando bem a discussão e incentivando o debate e a participação dos alunos.

Aula oficina como critério de avaliação da metacognição

A metacognição fundamentalmente consiste em possibilitar que o aluno faça a autorreflexão da relação que estabeleceu com cada conteúdo ou unidade de explicação, ou seja, o próprio aluno tem que identificar o que aprendeu, comparando com o que já sabia, informando para o professor (mediador) e para o resto da sala o mais significativo para ele no processo de ensino-aprendizagem.

A proposta de investigação surgiu de uma demanda que a Bolsa PIBID nos impôs, quando delimitou que as oficinas de final de semestre deveriam ser sobre desigualdades de classes, gênero ou raça. A escola Padre Anchieta como já foi dito anteriormente se localiza e recebem alunos que residem no maciço do Morro da Cruz, maciço este que aloca diversas comunidades que por assim dizer estão em “situação de risco” por conta do narcotráfico, da falta de assistência social por parte do governo, e da violência cotidiana. Entendendo que essa realidade de diferenças de classe faz parte da vida dos alunos que moram em tais comunidades surgiu o desejo de desenvolver uma aula oficina que demonstrasse como essas diferenças sociais se estruturaram na Ilha de Santa Catarina. Utilizando um longo recorte

temporal, um século aproximadamente (1910 - 2002), foi interessante expor como as mudanças na ilha fazem parte de um processo sócio-histórico e que hoje em dia esses alunos estão inseridos neste mesmo processo. Desta maneira buscou-se desenvolver a progressão da metacognição através da nova estrutura de ensino intitulada de aula oficina. Barca *apud* Gago (2007, p. 175) nos resume sucintamente quais são os pressupostos de tal abordagem: como pilares centrais desta abordagem do processo de ensino e aprendizagem, apontam-se a necessidade de levantamento de ideias prévias e, de forma transversal, a monitorização de desenvolvimento do pensamento dos estudantes através de processos de metacognição.

Como disse Burke (2008, p.2) os principais lugares de onde a maioria dos brasileiros extrai suas visões do passado são certamente o Carnaval e a telenovela. Aos “lugares de memória” expostos por Burke podemos adicionar a telecomunicação brasileira como a grande formadora de opinião, ou nas palavras de Bergmann (1989/1990, p.32), aprende-se História na “televisão, rádio, vídeo, imprensa, conversas cotidianas, museus, literatura histórica, propaganda histórica, representações científicas e populares do passado, livros didáticos, (...) monumentos históricos...” Nesse sentido, a unidade temática investigativa (Fernandes, s/d) intitulada “Modernidade de Florianópolis e o processo de favelização urbana” demonstrou que as visões estereotipadas sobre o viver em localidades periféricas imbricam uma gama de preconceitos estigmatizantes que para os alunos é reforçado pela mídia florianopolitana.

Alguns alunos citaram como referência o programa “Jornal do Meio-Dia” do apresentador Hélio Costa na emissora *Ric Record*, que é aceito por grande parte da população sem nenhuma problematização dos processos sócio-históricos que levaram a formar o “bandido” ali exposto. Ao não problematizar os processos sócio-históricos que formam os “bandidos”, além do programa se utilizar de uma linguagem simples, mas sensacionalista que cria um clima de indignação no público geral contra a pessoa retratada, que normalmente mora em regiões menos favorecidas, o programa cria uma representação estereotipada daqueles que vivem nestas regiões, unificando a imagem de todos como “bandidos” iguais aqueles retratados pelo programa. A aluna T. C., 18 anos, afirma que:

Deveria ter mais aspectos bons de morar no morro, para a sociedade olhar com outros olhos a questão dos moradores da favela, nem todos que moram lá são usuários de drogas, traficantes, ladrões. O governo deve promover mais ações de saneamento básico, ensino de qualidade para que os moradores do morro tenham um futuro melhor. Mas o que não falta é esperança e orgulho, pois eu tenho orgulho de morar no Morro.

A presente investigação prévia dos conhecimentos dos alunos se deu pautada na experiência de aula oficina desenvolvida pela professora da UFPR, Maria Auxiliadora Schmidt. A partir de um questionário⁶ a fim de identificar quais os principais aspectos que se repete na análise dos alunos, foi possível constatar que a entre os alunos da turma 301 da EB Padre Anchieta os principais temas abordados foram conflitos (pobres x ricos) e aspectos sociais (diferenças de classe e desigualdade social) relacionados às ações da mídia.

A história em seu sentido pragmático tem como necessidade social primeira orientar a vida dentro da estrutura tempo relacionando as diversas temporalidades na construção do saber histórico, no qual o alcance do conhecimento empírico do passado poderá levar a um insight sobre o movimento das forças do presente, ou seja, despertar no aluno a percepção que o passado mobiliza o presente e este projeto possibilidades para o futuro, ou seja, desenvolver através do ensino de história a consciência histórica autônoma no aluno. Rüsen (2001, p.78) salienta que “a consciência histórica não é algo que os homens podem ter ou não – ela é algo universalmente humano, dada necessariamente junto com a intencionalidade da vida prática dos homens”.

A elaboração das aulas se desenvolveu depois de analisar as ideias prévias dos alunos e ver que os mesmos não viam o processo de favelização e modernização como um processo sócio-histórico que se dá em uma estrutura temporal de longa duração e que se relaciona mutuamente. A análise dos alunos ficava muito aquém do desejado, pois ao mesmo tempo em que não correlacionavam as esferas temporais, ainda incorporaram a construção discursiva a análise de favelização passada pela mídia, ou seja, estereotipada e trivial que, nas palavras de Burke (2008, p.2), tem como exemplo as telenovelas e que aqui estendemos para a telecomunicação brasileira, que em geral tende a amenizar os conflitos sociais, ao mesmo tempo em que buscam representar uma visão de harmonia social idealizada e generosa.

O principal objetivo foi, através do uso de fotografias montadas em uma sequência de acontecimentos históricos através dos anos, demonstrar como se estrutura um processo, explicar que é de maneira gradual e em permanente transformação. Um objetivo secundário foi o demonstrar que o ensino em história pode e deve se valer de outros tipos de suporte documental ou fonte, usando no decorrer da oficina uma coletânea de fotografias de um século de transformações na cidade, de curtos pedaços fílmicos que tratavam de algumas representações acerca do morar em comunidades periféricas, de um texto adaptado sobre a

⁶

Ver: Anexo 1

ideia de união e solidariedade que existe na maneira de se relacionar dos pobres e, por fim, notícias jornalísticas que cobriam o período. Tais documentos devem ser tratados enquanto evidências históricas que desta maneira devem ser utilizadas como suportes de ensino que busquem estabelecer relações temporais de longa duração (presente/passado) que possam ser significantes no processo de metacognição histórica. O desenvolvimento das oficinas compreendeu três aulas e se deu de maneira expositiva dialogada, no qual foram utilizados os materiais descritos acima. As avaliações dos resultados da oficina tinham a finalidade de identificar progressão na consciência histórica dos alunos e se deram através de duas perguntas. Segundo Schmidt (2011), o objetivo da metacognição é o de que o aluno seja capaz de identificar o que aprendeu, comparando com o que já sabia, informando o que considerou mais significativo na aprendizagem, além de destacar os pontos mais ou menos positivos.

Avaliando a partir deste prisma, acredita-se que alguns alunos da turma 301 do colégio Padre Anchieta tiveram algum tipo de progressão. As respostas de alguns para as questões realizadas reiteram a afirmação acima. A aluna M. E. R., 18 anos, diz a respeito das representações que:

A televisão é a maior fonte de informação e todos vêem televisão. Porém, o que ela fala, nem sempre é verdade. Em alguns programas, eles retratam as pessoas felizes como se fosse mil maravilhas morar no morro. A TV mostra os primeiros moradores que foram morar no morro, mas não falam porque essas pessoas foram para lá. Os jornais, só mostram os policiais como heróis, pegando bandidos que roubaram um pote de margarina e prendendo como se tivesse matado alguém. Mas eles só fazem isso com as pessoas do morro. Ao invés de ajudá-los, eles não mostram para que a pessoa estivesse roubando, não discutem as causas e só mostram as consequências.

Analisando a fala da aluna, vemos que ainda existe a visão maniqueísta da história, que coloca os atores sociais em lados opostos socialmente. No entanto, existe uma problematização sobre a maneira como a mídia expõe os moradores de regiões periféricas (favelas) uma vez que a aluna questiona a falta de interesse das mídias em problematizar os sujeitos expostos em suas notícias, além de colocar em confronto a dupla imagem generalizadora do morador no morro exposta pela mídia geral. Além disso, questiona que a imagem de bandido é unicamente colocada no rosto daqueles que moram em morros. No entanto pode-se perceber que já existe uma contestação por parte da aluna no que diz respeito ao que a mídia representa.

Nas palavras de Barca (2004, pp. 131-132), os conceitos históricos são compreendidos gradualmente, a partir da relação com os conceitos de senso comum que o sujeito experimenta. O contexto cultural e os *media* são fontes de conhecimento que devem ser levadas em conta, como ponto de partida para a aprendizagem histórica. A aluna D. J., 18 anos, diz que:

Com a modernização da cidade de Florianópolis muitas pessoas vieram como trabalhadores da construção civil, mas não tinham dinheiro para voltar para cidade de origem, começaram então a invadir os lugares próximos ao serviço assim surgindo às favelas.

A fala acima nos demonstra que a aluna já consegue perceber que tal modernização da cidade deu-se gradualmente através de um processo sócio histórico no qual os migrantes, operários das grandes obras de modernização da cidade (1910 – 2010), foram em parte marginalizados nos processos sociais. M. V., 17 anos, diz que:

Esse modo de ver as pessoas do morro vem sendo construído desde muito tempo pela sociedade. Porque as pessoas que foram para os morros eram pobres e os morros começaram a encher de pessoas e ficar com difícil acesso para carros de polícia. Sendo assim mais favorecido para o controle do tráfico de drogas e armas, pois o governo não se empenhava em ajudá-los, somente aos burgueses.

Aqui novamente temos a visão dualista da história, colocando em confronto diferentes atores sociais (pobres e “burgueses”). Porém, vemos que o aluno já utiliza como palavras fundamentais da argumentação: construção e longo período, o que evidenciará a compreensão espaço/temporal que servem de norte para a consciência histórica. Além do que também já consegue formular uma crítica ao governo no âmbito da falta de infra-estrutura e do investimento em segurança nessas localidades de periferia.

Considerações Finais

Esta análise deve ser tomada como uma primeira aproximação teórica e metodológica ao tratamento das representações sociais que os adolescentes fazem a respeito da modernização e favelização em Florianópolis. Os dados iniciais que apresentamos estão longe de esgotar as possibilidades abertas nesse campo de estudos, e o aprofundamento desses dados e a interpretação dos mesmos será de responsabilidade dos bolsistas que tem mais 1 ano e meio de pesquisa a percorrer. O presente trabalho, por sua condição limitada ao curto período de desenvolvimento da pesquisa, traz apenas resultados limitados, no entanto já se

consegue perceber indícios de como as representações sociais, inicialmente compartilhadas por um mesmo grupo - a visão estereotipada e maniqueísta da pobreza - não foi desconstruída por todos e que, na sua desconstrução, nem todos passaram a atribuir o mesmo significado a esse objeto. Pode-se dizer que tais representações sociais das quais partilham os alunos são e fazem parte da herança cultural da sociedade da qual fazem parte, e, portanto são difíceis de dissolver em tão curto período de tempo ao qual a pesquisa está inscrita. Portanto se quisermos contribuir com o ensino de História, para a formação de identidades e de novas relações sociais no presente e desta maneira formular uma nova cidadania, não podemos ignorar as representações sociais das quais nossos alunos são portadores. No entanto cabe ao professor pesquisador desenvolver seu trabalho de forma a ampliar a consciência histórica dos alunos, porém esta tarefa tem que partir das ideias prévias que esses alunos já possuem acerca de assuntos históricos desenvolvida nos anos de vida do aluno acerca da história. Nosso objetivo neste trabalho foi compreender as ideias prévias dos alunos sobre modernização e favelização em Florianópolis e identificar se após as aulas e discussões sobre o tema estas ideias foram modificadas, ampliadas e/ou mantidas.

Referências

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do projecto à avaliação. In: BARCA. I. (Org.). **Para uma educação histórica com qualidade**. Actas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004. P. 131 – 144.

BERGMANN, Klaus. A História na reflexão didática. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9 nº 19, pp. 29-42, set. 89/fev. 90.

BURKE, Peter. **Quase memória**. Folha de S. Paulo, Caderno Mais! - 28/09/08.

FERNANDES, Lindamir Zeglin. **A reconstrução de aulas de História na perspectiva da Educação Histórica: da aula oficina à unidade temática investigativa**. Disponível on-line: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/158-4.pdf>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessárias à prática educativa**. 27. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. 148 p.

GAGO, Marília. In: **Aprender história: perspectivas da educação histórica / organizadoras Maria Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca**. - Ijuí: Ed. Unijuí, 2009. - 312p.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**. Brasília: Editora da UnB, 2001, p. 78.

RÜSEN, Jörn. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. **Práxis Educativa**. Ponta Grossa, PR. V. 1, p. 07 – 16. Julho – dezembro, 2006.

ANEXOS



Escola: Estadual Padre Anchieta

Professora: Valéria Florentino

Bolsistas: João Vitor del Masi, Raony Mendes Odremán

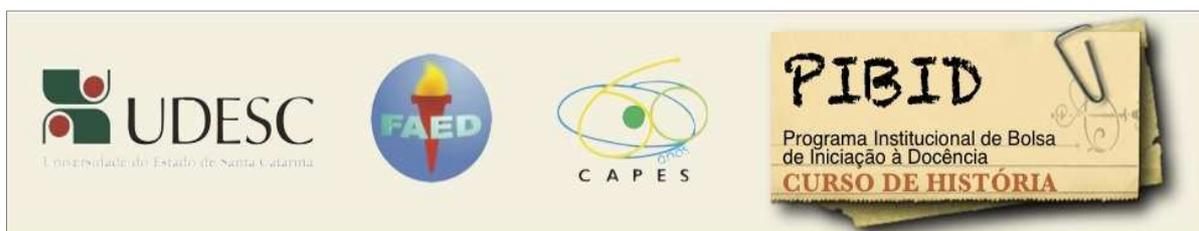
Coordenadoras PIBID: Profs. Cristiani Bereta da Silva e Luciana Rossato

Turma: 3º ano Data: 30/11/2011

Unidade Temática Investigativa:

Modernização de Florianópolis e o processo de favelização urbana.

1. Escreva o que você se lembra sobre o tema, ou o que ele te faz pensar.
2. Como você acha que são representados pela mídia as pessoas que moram no morro?
3. Quais os aspectos bons e ruins de morar no morro, e o que você pensa sobre isso?



Escola: Estadual Padre Anchieta

Professora: Valéria Florentino

Bolsistas: João Vitor del Masi, Raony Mendes Odremán

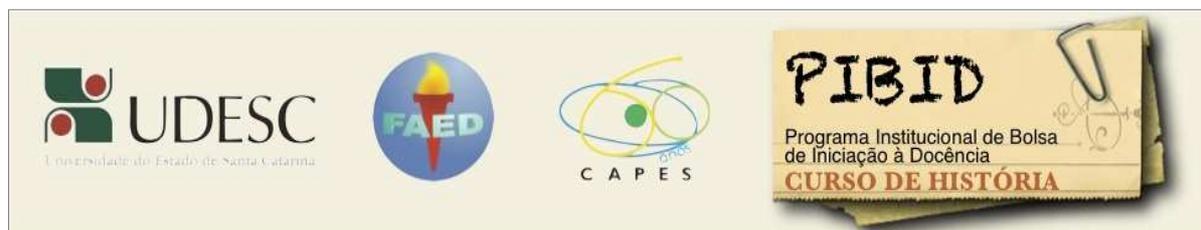
Coordenadoras PIBID: Profs. Cristiani Bereta da Silva e Luciana Rossato

Turma: 3º ano Data: 05/12/2011

Avaliação da Oficina:

Modernização de Florianópolis e o processo de favelização urbana

1. A visão atual sobre a vida no morro é uma visão estereotipada, “Pobreza, Miséria, Fome, drogas, Tiroteio”. Mas essa visão não surgiu de repente, é uma construção histórica social, que iniciou em Florianópolis a partir do processo de urbanização. Com base em seus conhecimentos prévios, e as questões discutidas durante a oficina “Modernização de Florianópolis e o processo de favelização urbana”, escreva como aconteceu essa construção histórico-social.
2. “Apesar da visão “ruim” que temos da vida nas favelas, ainda assim um novo modo de vê-las vem surgindo [...] Felicidade, União, Comunidade, Morro, Cultura [...]”. Com base em seus próprios conhecimentos, e as questões discutidas durante a oficina “Modernização de Florianópolis e o processo de favelização urbana”, explique como essa nova visão sobre a favela vem surgindo, e como ela chega a maioria da população.



Tabulação do Questionário socioeconômico.

Perguntas:	Respostas:	Porcentagem:
Ano e/ou Série, Turma	12 pessoas no 3º ano 12 pessoas na turma 301	100 %
Idade	7 pessoas com 17 anos 4 pessoas com 18 anos 1 pessoa com 16 anos	58, 33 % 33, 33 % 8, 33 %
Sexo	8 pessoas femininas 4 pessoas masculinas	66, 66 % 33, 33 %
Nasceu em qual cidade?	7 pessoas em Fpolis 1 pessoa Nonoai 1 pessoa Mondáí 1 pessoa São José 1 pessoa Chapecó 1 pessoa Buenos Aires – ARG.	58, 33 % 8, 33% 8, 33% 8, 33% 8, 33% 8, 33%
Mora com quem? Mãe, pais, irmãos, avós, tios? Quantas pessoas moram com você?	5 pessoas moram com Pai, Mãe e Irmãos 4 pessoas moram com Mãe e Irmãos 2 pessoas moram com Pai, Mãe, Avós e Sobrinhas 1 pessoa mora com o Irmão	41, 67% 33, 33% 16, 67% 8, 33%
Bairro onde mora?	11 pessoas residem no bairro: Agrônômica. 1 pessoa reside no bairro Trindade	91, 66% 8, 33%
Meio de transporte casa escola	10 pessoas se deslocam a pé 2 pessoas de ônibus	83, 33% 16, 66%
Escolaridade do pai	5 pais com Ensino Médio 4 pais com Ensino Fundamental Incompleto	55, 56 % 44, 44%
Escolaridade da mãe	5 mães com Ensino Fundamental Incompleto 4 mães com Ensino Médio 2 mães com Ensino Fundamental	45, 45% 36, 36% 18, 18%

Você repetiu o ano alguma vez?	6 pessoas repetiram o ano 5 pessoas nunca repetiram o ano	54, 54% 45, 45%
Pratica alguma religião?	6 pessoas não praticam religião 2 pessoas praticam religião	75,00 % 25, 00%
Você assiste TV?	12 pessoas responderam que SIM	100 %
Se sim, quantas horas (mais ou menos) você assiste TV por dia?	8 pessoas assistem entre meia hora e duas horas por dia 3 pessoas assistem entre três a quatro horas por dia 1 pessoa assiste entre 4 a 6 horas por dia	66, 67% 25,00 % 8, 33%
Você tem computador em casa?	9 pessoas possuem computador com internet 3 pessoas não possuem computador	75, 00% 25,00%
Quantas horas (mais ou menos) você acessa a internet por dia?	5 pessoas acessam a internet entre três a cinco horas diárias 4 pessoas acessam a internet entre meia hora a duas horas diárias 1 pessoa acessa a internet doze horas diária	50,00 % 40, 00% 10,00%
Quantos livros você lê por ano?	3 pessoas lêem apenas os livros obrigatórios 3 pessoas lêem de dois a três livros 2 pessoas lêem de dois a três livros 2 pessoas lêem nenhum livro, ou, um no máximo 1 pessoa lê trinta livros por ano	27,27% 27,27% 18,18% 18,18% 9,09%
Quantas vezes você foi ao cinema, no último ano	6 pessoas foram ao cinema entre seis e dez vezes no ano 3 pessoas foram ano cinema entre duas e três vezes no ano 3 pessoas foram ao cinema nenhuma vez no ano	50,00% 25,00% 25,00%
O que você mais costuma acessar/fazer na internet:	7 pessoas acessam todas as opções disponíveis 5 pessoas acessam parcela das opções disponíveis	58,33% 41,67%

O que você costuma ler?	7 pessoas gostam de romances e suspenses policiais 3 pessoas gostam de curiosidades e leituras em geral 2 pessoas não gostam de nenhum tipo	58,33% 25,00% 16,67%
O que você costuma ler? (gibis, revistas, jornais, livros)	5 pessoas lêem a maioria das possibilidades 3 pessoas lêem revistas e livros 2 pessoas lêem jornais 1 pessoa lê gibis (anime) 1 pessoa lê revistas	41,67% 25,00% 16,67% 8,33% 8,33%
Você trabalha?	7 pessoas não trabalham 5 pessoas trabalham	58,33% 41,67%
Se sim, quantas horas diárias?	5 pessoas trabalham de seis a oito horas diárias	41,67% pessoas da classe trabalham em horário contrário a aula